



CONTRA A OFENSIVA DO FASCISMO, CONTRA A INTERVENÇÃO EM ESPANHA, CONTRA A GUERRA, SÓ HÁ UM CAMINHO: UNIÃO E LUTA!

Irrompeu com uma fúria brutal a nova ofensiva contra o povo português. Prisões em massa; batidas nos bairros populares numa atitude de caça ao homem; buscas domiciliares; declaração de guerra aberta e implacável contra os funcionários não fascistas; adopção de medidas que visam a transformar cada indivíduo num bufo, num espírio; parada nacional espectacular de TEDEUNS, de «protestos colectivos», etc. que, em maior ou menor grau, servem de elemento reconstituído das fileiras, já rotas, do fascismo — tais são os primeiros frutos do «atentado» que o fascismo engendrou para justificar a sua negra depressão, para justificar as forças de apoio, meio dissidentes, e para acelerar os seus preparativos de guerra civil e de guerra aberta contra a Espanha republicana!

Em presença duma tal situação e quando sobre a terra se acumulam as nuvens tenebrosas da tempestade — quando os artesãos da guerra espreitam da Itália, da Alemanha, do Japão, o momento de envolver o mundo em chamas, num semelhante ambiente de tragédia, só um sentimento pode animar os verdadeiros amigos do povo da Liberdade e da Paz:

Cerrar fileiras, unir, a vencer num bloco compacto contra o inimigo comum!

Tudo para unir e nada para desunir! Nem um esforço gasto em lutas intestinas — salvo para combater os traidores — Todos os esforços, todos, venham donde vierem, devem convergir no mesmo ponto — Pela defesa do PAZ, da LIBERDADE, pela luta pela independência de Portugal: pelo auxílio ao glorioso povo espanhol que se bate pela causa de toda a humanidade avançada e progressiva.

Este sentimento é, já hoje, comum, no nosso país, a centenas de milhares de pessoas; este sentimento irmanar operários e pequenos burgueses; soldados e oficiais; comunistas e republicanos de quasi todos os matizes; ateus e católicos. Mas, no meio deste coro unânime, uma voz discordante se eleva.

A voz dos dirigentes anarquistas que tendo desde o principio de facto sabotado todas as iniciativas de unidade, se erguem agora ABERTAMENTE contra a união dos trabalhadores, contra a União dos anti-fascistas.

A «Batalha» acaba de publicar um número destinado, especialmente, de ponta a eito, a combater a Unidade, a combater os comunistas, a combater a pequena burguesia anti-fascista, a combater o governo de Valência, a combater o Partido Comunista espanhol, a combater a URSS.

Em vão procuramos nesse jornal, além da fraseologia bonita, mas

oca, uma directiva, um esclarecimento, uma palavra de ordem ligada a indicações para a sua materialização.

Em vão procuramos nesse jornal um trabalho positivo acerca da Espanha de hoje, do que deu ela já ao povo, da sua situação militar, dos seus progressos.

Em vão procuramos nesse jornal propostas e iniciativas concretas

REFORCEMOS E ALARGUEMOS O MOVIMENTO DA FRENTE POPULAR

O Partido Comunista foi e continua sendo o mais fervoroso partidário da Frente Popular Anti-fascista.

Cada dia que passa mais convence o Partido Comunista que só pela união das mais vastas massas da população laboriosa num amplo movimento de Frente Popular é possível conduzir uma luta triunfante contra o fascismo e pela libertação do povo português.

Mas precisamente porque reconhece a necessidade da Frente Popular e é um dos seus mais fortes esteios, o Partido Comunista se julga no direito e, mais do que isso, no dever de não ocultar as suas debilidades e de apresentar os remédios que considera mais apropriados para o seu fortalecimento.

As bases para a edificação da Frente Popular, no nosso país, foram lançadas, como se sabe, em principios de 1936, pelo estabelecimento dum accordo entre várias organizações anti-fascistas portuguesas, a que se seguiu a publicação dum Programa.

De então para cá, alguns passos importantes se têm dado no caminho da unificação das forças anti-fascistas

Em Espanha, constituiu-se a «União dos Anti-fascistas Portugueses Residentes em Espanha» (UAPRE) que agrupa no seu seio pessoas da envergadura politica e científica do historiador dr. Jaime Cortezão, dos officiais do exército capitão Alexandrino, Jaime Moraes e outros.

Em França, formou-se um Comité de Acção, integrado na Frente Popular Portuguesa que engloba os anti-fascistas que vivem em França e no número dos quais se contam vultos tão destacados da democracia portuguesa como o Presidente da República Bernardino Machado, como o antigo Presidente do Ministério dr. José Domingos dos Santos e várias outras personalidades, bem como delegados do Partido Comunista Português. Afonso Costa, a quem prestamos as melhores homenagens considerando-o como uma das figuras da democracia mais odiadas pelo fascismo português, honrava com a sua presença este Comité de que era presidente efectivo. (A Presidência de honra deste Comité é ocupada pelo dr. Bernardino Machado)

Na actualidade, uma parte considerável dos vultos mais progressivos da nossa terra, das suas figuras mais humanas e dos seus valores mais reais, estão agrupados em torno da Frente Popular Portuguesa. Muitos milhares de portugueses, entre os quais se encontram os melhores filhos de Portugal se encontram irmanados pelos mesmos objectivos e pelo espirito que anima a Frente Popular.

Em que consiste, por consequente, a fraqueza da Frente Popular?

Consiste em que, até hoje, não conseguiu passar do estado organizativo e mesmo assim incompleto, à acção sistemática, enérgica e decidida e isto apesar da experiência ter demonstrado brilhantemente que as possibilidades de desenvolver actividade são enormes sempre que essa actividade se realice sobre a base da Frente Popular.

O que se conseguiu, até agora, no domínio da organização da Frente Popular e que consiste fundamentalmente no entendimento de várias organizações anti-fascistas e na adesão de anti-fascistas destacados à ideia da Frente Popular é incontestavelmente duma grande importância — mas é pouco.

É pouco porque não basta unir as organizações e os anti-fascistas mais destacados para a realização da obra titânica que a Frente Popular se propõe levar a efeito. Para tal fim, é preciso, acima de tudo unificar as largas massas do povo português, todos os que, do ope-

para a ajuda ao povo espanhol.

Só uma ideia anima o jornal — combater tudo quanto não seja anarquista, combater tudo que não tenha a marca da F.A.I.

Os dirigentes anarquistas, ao publicarem este número de «A Batalha» fizeram-no, com certeza, com dois objectivos:

1.º — Fazerem-nos perder a paciência e obrigarem-nos a entrar em polémicas e em ataques mútuos para desfazer completamente os pequenos passos que foram dados no caminho da União entre anarquistas e comunistas.

2.º — Lançarem a confusão nas nossas próprias fileiras e nas do proletariado português onde o prestigio do nosso Partido cresce dia a dia.

Nem um nem outro objectivo os dirigentes anarquistas conseguirão

Nós não nos deixamos cair em polémicas porque as colunas do «AVANTE!» são muito necessárias para dar combate ao fascismo, nem desistiremos de levar até final a nossa actividade em prol da unificação do proletariado português.

Tampouco os dirigentes anarquistas conseguirão desfazer o prestigio de que o nosso Partido goza entre as massas trabalhadoras. Esse prestigio foi conseguido à custa da actividade que **ininterruptamente** conduzimos há um bom par de anos pela defesa dos interesses dos trabalhadores, contra o fascismo, pela união das forças anti-fascistas. Esse prestigio cada vez é maior e mais bem merecido.

Contudo, nós não podemos deixar passar, sem o mais veemente protesto que, seja quem for, embora em nome da «RRRevolução», atente contra a unidade dos trabalhadores, contra a Frente Popular anti-fascista e faça coro, com a imprensa fascista, no ataque à República espanhola, ao seu governo eleito livremente pelo povo e aos Partidos que marcham na vanguarda da luta contra o fascismo.

Os trabalhadores portugueses, em primeiro lugar os trabalhadores anarquistas, devem pedir contas aos seus dirigentes destas atitudes e exigir que eles mudem de rumo.

Por uma vez, o Partido Comunista, longe de aceitar como uma fatalidade o rompimento com os organismos anarquistas, aconselha, pelo contrário, que se empreguem todos os esforços para que a Un-

Continua na 4.ª página



COMO VIVEM OS TRABALHADORES

(COLABORAÇÃO DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)

SALAZAR ROUBA os pequenos camponeses

No concelho do Sabugal, no distrito da Guarda, existiam 600 hectares de terrenos baldios, com que nunca, nem a Câmara nem o Governo se preocuparam.

Mas a miséria que de ano para ano ataca mais violentamente os lares dos camponeses, fê-los ver que, se aproveitassem aqueles terrenos incultos e bravios, podiam de certa maneira melhorar o caldo com que se alimentam e aos filhos. E hoje um, amanhã outro, foram arroteando e desbravando esse terreno, fazendo pequenas courelas que fazem a melhoria de mais de 300 famílias camponesas. Essa divisação fez-se lentamente, sem lutas, e hoje esses terrenos baldios são magníficos terrenos de produção. O governo da ditadura, quando soube disto, mandou brigadas de técnicos para expulsarem os camponeses dos terrenos que eles tinham pôsto a produzir, para os dividir por 68 famílias da sua escolha alegando que esta porção de terreno não chega para mais! Esta medida lançará para a maior miséria mais de duzentas famílias. É necessário evitar que esta violência se cumpra. Trabalhadores do Sabugal! Luta! pelos vossos direitos! Negai-vos a entregar os terrenos que são vossos! Organizai-vos!

AMIGOS DO PARTIDO

Amigos do Barreiro, Grupo "Os gatos", Z., Lirili, H., P., S. E., Porvir, Pelagú, Pombal Correio, G.D., Car do (a 5000)	75\$00
P.X., Um Gordo, M.M.I., P.X., P.X., Um marujo (a 2\$50)	15\$50
Balbino	1\$00
Amigo de Stáline, Pelagú e Pombal Correio, Chabi Pinheiro, F.P.P., Chabi, Esperança, Barril (a 10\$00)	70\$00
Os Sós	20\$00
Dois amigos de Salzar	20\$00
Grupo Tolstoi	20\$00
Rifa de T. sem efeito	13\$50
Malhas	6\$50
Presos de Pemiche	50\$00
Um aldrabão	7\$00
3 amigos	15\$00
3 Jotas	8\$50
B.H.M., Rocha, Re	9\$00
Revenda (a 3\$00)	9\$00
Germinal	12\$60
Amigos Liberdade	7\$50
Jeni	3\$00
Ruy Russe	43\$05
Um jovem estudante Comunista	50\$00
J.P.C.	30\$00
C.7.Z	4\$50
Amor pela causa	2\$00
Amigos Liberdade	4\$00
Zé Moldista	2\$90
Prosa	1\$50
Wanda	170\$00
Dois Beirões	200\$00
A.B.C. (muito atrasado)	41\$50
Bacallau do Barreiro	10\$00
M.C.A.	10\$00
TOTAL	923\$53

FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAVÉM

É necessário que toda a população de Sacavém conheça as causas do terror que os capitalistas desencadearam sobre nós, para nos esmagarem! É preciso que saiba defender-se.

Os jovens acabadores ea cartadores de loiça tinham há tempos pedido aumento de salário. Prometeram-lho para Maio findo. Mas passou Maio, passou Junho sem que a promessa fôsse cumprida. Resolveram então os interessados baixar a produção por não poderem mantê-la ao mesmo nível sem prejuízo da sua saúde. Mantiveram-se 3 semanas nesta posição de luta pelo pão e pararam 7 horas o trabalho em protesto por terem sido despedidos os três delegados a falar com o mestre. Então o patrão e o mestre prometeram aos jovens operários que os companheiros seriam readmitidos e que lhes seria dado o aumento pedido. O trabalho recomeçou.

Nesta altura rebenta uma bomba à porta do mestre geral das oficinas. É absolutamente evidente que os jovens operários que sustentaram a luta pela satisfação das suas reivindicações dum forma tão levantada, não iam, depois de terem triunfado, entregar-se à prática de atos que os trabalhadores conscientes repudiam. A bomba só podia servir aos patrões para não cumprirem as suas promessas ou para fornecer à polícia pretexto para uma brutal ofensiva contra o povo sacavenense. Desta maneira efectuaram já a prisão de António Ferreira, empregado na fábrica há 20 anos, e de Carlos Lopes, de 19 anos de idade, ambos honestos trabalhadores bem conhecidos.

Os trabalhadores da fábrica de loiça e todo o povo sacavenense, justamente indignados pelos sinistros processos empregados pelos fascistas mancomunados com os patrões, devem fazer gorar os objectivos da provocação terrorista.

O povo sacavenense deve exigir a libertação desses operários e amparar as suas famílias.

Os trabalhadores da fábrica de loiças devem lutar unidos, como um só homem, até à completa satisfação das reivindicações dos jovens operários da fábrica de loiças.

Continuai, unidos, e triunfareis!

FÁBRICA PORTUGAL

Nesta fábrica desempenha as funções de encarregado da secção dos coíres um individuo de nome Artur André que é um verdadeiro perseguidor dos operários. Tendo visto dois operários a rirem-se por qualquer brincadeira, este miserável, sem interrogação alguma, suspendeu-os 15 dias. Outra ocasião, por um operário ter chegado 3 minutos mais tarde ao trabalho, suspendeu-o por 4 dias, estando sempre à procura de assuntos para suspender.

Operários da Fabrica: é preciso unirmo-nos para acabarmos as injustiças a que estes patifes nos submetem.

Bairros de miséria

O novo governador civil de Lisboa, que é dos «90 amigos do sr. Dr.», para armar em filantropo e amigo dos humildes, andou a visitar os bairros da lata e as furnas de Monsanto. E os jornais dos grandes capitalistas, dos financiadores dos rebeldes espanhóis, dos maiores culpados da miséria em que vivemos, com um descaramento inaudito, fizeram relatos dessa miséria, da inundação das furnas e desses bairros, em que vivem milhares e milhares de trabalhadores com mulheres e crianças. Basta de especulações sentimentais, senhores exploradores! Os trabalhadores estão fartos de cantos de seireia. Querem realizações. Os bairros da lata aumentam de dia para dia, porque de dia para dia a vida é mais cara e a fome e o desemprego são maiores. Há dinheiro para barcos, para canhões, para viagens e não o há para fazer bairros para operários.

Existe no Arco do Cego um bairro a que chamam social e que foi construído para albergar operários. Mas nem um só lá mora. A Câmara Municipal entregou o aos fascistas que primeiro apareceram a combater o proletariado. Os senhores da Câmara instalaram lá os seus amigos e as suas amantes e os operários, para quem o bairro foi feito, tiveram que ir para os bairros da lata, um desses até — parece ironia! — fica situado nas terras que pegam com esse bairro.

Camaradas: Exijamos da C.M.L. a construção de casas baratas e higiénicas, para que nenhum trabalhador necessite de viver tão miseravelmente! Habitantes dos bairros da miséria: Organizai-vos para exigir da Câmara novas instalações.

ALHANDRA

COMPANHIA DE CIMENTOS TEJO — Existe aqui um tal sr. Santos, empregado da companhia, que traz o pessoal todo escravizado debaixo das suas ordens e a quem tem sido impossível resistir porque:

1.º — quando se faz alguma reclamação, ameaça-nos com a rua
2.º — insultando-nos ainda por cima com uma série de nomes a que nós cobardemente nos sujeitamos por falta de união.

3.º — Obriga jovens de 12 a 16 anos, ganhando o salário de 4\$00 a 5\$00 por dia a trabalharem ao lado de homens e se não quiserem trabalhar assim que vão para a rua. E esta a ordem que dá aos encarregados, que são da força do patrão. Um tal João Felizardo diz que para cada operário seria preciso um homem com um bico para o tocar como se tocam os bois. E os outros e carregados são uns bandidos da mesma força: para agradarem ao patrão, obrigam um homem a fazer um trabalho que pertence a dois como faz um tal João Neto.

Camaradas: Se não nos organizarmos, se não nos unirmos, estes bandidos acabam por nos matar;

MESTRE OU POLÍCIA?

EMPRESA GREL — LISBOA — no dia 9 do corrente foram presos 6 camaradas nesta empresa acusados de comunistas. Numerosa polícia de pistola em punho assaltou as oficinas ajudada pelo mestre, um tal Francisco Porcio, que facilitou, como um rafeiro vil, a acção da polícia. Um camarada nosso, nervoso pelo vergonhoso espectáculo, dirigiu-se ao mestre pedindo-lhe para o dispensar do trabalho da manhã. O mestre prendeu-o imediatamente encerrando-o no gabinete de outro da mesma igualha ameaçando-o e chegando a telefonar para a polícia alegando que o nosso camarada estava comprometido e queria fugir. O proprio mestre o acompanhou à esquadra, oferecendo-se ao chefe da policia para ir a casa deste camarada fazer uma busca, não o conseguindo por ser o chefe um homem honesto. O nosso camarada esteve detido na oficina a trabalhar, vigiado pelo mestre Porcio, cerca de 5 horas, sem poder comunicar com os outros operários. A sua inocência era tal, que a policia não procurou prendê-lo, mas o mestre Porcio despediu-o, roubando-lhe ainda por cima meio dia de trabalho. Este bandido mora na Travessa Particular, aos Prazeres, e costuma descontar horas de trabalho aos operários que encontra a conversar.

Cuidado com ele. Uni-vos e luta! pela vossa libertação!

A EXPLORAÇÃO DUM «NACIONALISTA» ESPANHOL

FÁBRICA DE MOSAICOS «FREITAS & C.ª» (Alcântara)

Para fazer um azulejo é necessário: primeiro, armar a forma de ferro, que pesa aproximadamente 50 quilos, enchê-la de terra e seus ingredientes, passá-la para o carro e conduzi-la à prensa — que também é manual — puxada pela operária que a encheu e conduziu; volta de novo à bancada para o tirar — trabalho pesado a que alguns homens não têm resistido.

Estas operárias ganham 6\$00 por cada dia de trabalho, tendo que fazer 100 azulejos diários; são estas as operárias jornalieras.

Ainda há as operárias de empreitada que, para ganharem os mesmos 6\$00, têm que fazer a mesma quantidade de azulejos, com a condição de por cada um que estragarem fazerem cinco de graça, como compensação à casa.

Se a operária de empreitada, além dos 100 fizer mais, ser-lhe-ão pagos à razão de \$50 por e da colecção do vinte azulejos.

Isto é a humanidade dos CIVILIZADOS, dos homens com Deus, dos «nacionalistas» que apoiam Franco e Salazar!

Mulheres: não queirais ser escravas. O capitalismo explora-vos ignóbilmente. Luta! contra o capitalismo. Exigi salários maiores; negai-vos a trabalhar de graça, luta! com vossos maridos e companheiros até aniquilar o fascismo que sustenta o capitalismo e permite a vossa exploração. Aderi ao Partido Comunista!

Ajudemo: o: jovens da Assistencia Publica!

O Director Geral da Assistencia, que é também o Director geral de Saúde, fez publicar uma ignóbil nota nos jornais, referente aos alunos dos Asilos e Institutos. A má alimentação, os maus tratos, o abandono em que vivem esses jovens nas casas chamadas de assistencia é já revoltante. A vida que o Sr. Alberto de Faria lhes quer dar irá agravar essa situação.

Uns jovens alunos da assistencia, a quem desde crianças disseram que estavam aprendendo uma profissão e que no fim lançam para trabalhos do campo para que não tinham nenhuma preparação, mandam dormir em barracões onde nem camas existiam, obrigam a enormes marchas forçadas e pagam salários miseráveis, resolveram, e muito bem, não aceitar tão duras condições de trabalho.

O sr. Faria, ditador da Assistencia, veio protestar nos jornais contra esses jovens por eles não sabem cozinhar e suportar uma «vida dura».

Por isso, sob o pretexto—que seria ridiculo se não fosse clinico e revoltante—de preparar os jovens para a «vida dura do amanhã», a Assistencia vai agravar mais ainda as condições de vida dos seus assistidos.

Como vai a Assistencia preparar os jovens para amanhã? Modificando os serviços de ensino de modo a que de lá saiam operários especializados? Dando melhor alimentação aos internados? Não! Ensando-os a cozinhar e obrigando os alunos a marchas forçadas de 10 e de 15 quilómetros, proibindo-os de utilizarem qualquer meio de transporte. Se o director do Asilo Nuno Alvares quizer mandar uma carta ao do Maria Pia, irá uma criança de dose anos, a pé, de Belém a Xabregas e de Xabregas a Belém, porque lhes é proibido andar de carro eléctrico!

Jovens! Famílias de internados! Povo de Lisboa! Ajudemos os alunos da Assistencia a defenderem-se dos seus carrascos!

Escrevam, telefonem ao Director Gera! protestando contra o regime de escravatura da juventude! Ajudem os alunos dos asilos a melhorarem a sua situação.

Estudando métodos

A Legião negra ainda não está satisfeita com os processos de provocação que tem usado e para os melhorar resolveu enviar à Alemanha e à Itália o comandante distrital de Lisboa, o capitão Roque de Aguiar. Vai estudar como as organizações fascistas e as seções de assalto nazis perseguem os operários e fazem provocações. Os crimes que têm realizado têm sido facilmente desmascarados; precisam de aprender como se fazem os de grande envergadura.

O comandante da Legião, coronel Namorado de Aguiar, no banquete de despedida ainda quiz encobrir os fins da viagem, dizendo que Roque de Aguiar ia DESCANSAR por estar doente, mas são os próprios jornais que dão a noticia do banquete que dizem claramente os fins dessa viagem.

É necessario, hoje mais do que nunca, combater a Legião! Exijamos que seja dissolvida. Façamos a vida negra a todo o legionario fascista!

Ainda o "atentado" de 4 de Julho

Pobre Portugal! Gato escondido...

Que miséria mental a que está reduzida a terra portuguesa! O «atentado» é absolvido num mar imenso de água benta onde se disputa a primazia nas regatas de tedeus, missas e grinaldas de rosas...!

É profundamente ridiculo e profundamente triste para aqueles que sonham com Portugal livre e digno!

MANIFESTAÇÕES EXPONTANEAS

O pseudo-atentado contra Salazar, não deu os resultados que a policia previra. O país está farto de «chantages» e passou indiferente sobre o acontecimento. E vai daí o criarem-se as manifestações expontaneas... A Legião negra deu ordem aos seus filiados para a primeira. O resultado foi tal, que desistiram da que tinham planeado para o dia seguinte. A seguir a do exército e marinha, com ordens para os quartéis para que os officiaes não faltassem. Depois, as dos jornais. Tão expontaneas foram, que aqueles que se não prestaram a fazer mais esse frete à policia, foram suspensos e obrigados a pagar a multa de 2 contos («o Diabo» em Lisboa e vários na provincia, entre eles «A Voz da Justiça» da Figueira da Foz). E depois a chuma de telegramas que enchem os jornais. Esses também são tão expontaneos que quatro professores do liceu de Viseu, José Marinho, Domingos Gusmão de Araújo, Evaristo Moraes Júnior, foram suspensos e depois demittidos por se terem negado a assinar um telegrama.

E com estas mentiras e estes crimes, que a ditadura vive e quer iludir o estrangeiro que o povo está com ela.

Um «chaufeur» que presenciou o sucedido e conhece o local e os seus habitos, contou-nos o seguinte que se harmoniza com as noticias dos jornais:

1.º—O guarda que fazia habitualmente o policiamento na Av. Barbosa du Bocage, quando Salazar ia à missa, estacionava sobre a placa onde rebentou a bomba. Nessa manhã mudara de local e estava no extremo oposto;

2.º—O carro conduzindo Salazar costumava parar à sombra, defronte da moradia onde se realizava a missa; Salazar apeava-se e atravessava a rua. Nessa manhã o carro entrou por outro lado, marchando em direcção oposta à do trânsito de veiculos quando rebentou a bomba; o carro encostou à porta da casa e Salazar desceu... ileso.

Morto há três meses...

Para dar um tom de veracidade à farsa do atentado, a policia trahiu logo de «descobrir» os seus «autores».

Tratava-se de pessoas que pela sua situação de perseguidos não poderiam apresentar-se a desmentir as acusações que lhes moviam.

Até aqui, a policia procedia com tato e saber a que não eram estranhas as instruções da Gestapo (policia secreta alemã) que aqui tem os seus agentes!

A policia falhou, porém, num pequeno pormenor... O José dos Santos Rocha, um dos indigitados «autores» do atentado, morreu há mais de três meses em Espanha, como, então, as emissoras espanholas anunciaram.

E assim se põe a nu, graças à grosseria dos seus verdadeiros autores, mais esta miserável maquinação da ditadura.

Reforcemos e alarguemos o movimento da F.P.

Continuado da 1ª pagina

rário ao pequeno industrial e ao official do Exército, anseiam por um Portugal livre e feliz.

É pouco, em segundo lugar, porque a união só por si não constitui um objectivo.

A união é um instrumento de luta e só na medida em que consegue organizar de facto a luta pela defesa dos interesses do povo. Só nessa medida a união é útil e eficaz, só nessa medida satisfaz os objectivos para que foi criada e só nessa medida a união se torna forte e poderosa.

Logo, para que a Frente Popular possa considerar-se, justamente, a Frente Popular portuguesa, e para que possa preencher amplamente a sua missão, precisa de realizar as seguintes condições fundamentais:

1.a— Estender a união já existente entre as organizações anti-fascistas — que são simples destacamentos de vanguarda — às largas massas da população laboriosa do nosso país. Reforçar os laços de união existentes. Atraír outras organizações, tais como a C.G.T. e vários anti-fascistas que ainda se encontram isolados do movimento da Frente Popular.

2.a— Desencadear de norte a sul do país, nas fábricas, nos campos, nas escolas, em toda a parte, um movimento multiforme de luta pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores, pela defesa dos pequenos comerciantes e industriais, contra a guerra, contra a intervenção do fascismo em Espanha, contra os preparativos de guerra civil do fascismo, pela salvação da jovem geração portuguesa da influencia do fascismo, pela independência de Portugal ameaçada pela politica de trajção de Salazar, pelas liberdades democráticas, enfim pela libertação do povo português do jugo do fascismo.

Como é evidente, estas duas condições estão intimamente ligadas, agindo de causa em efeito e vice versa, isto é, a união é o instrumento da luta; mas é no processo, no desenvolvimento da luta que a união se forja, se tempera e se torna indissolvel, inquebrável, invencível!

NOTA— Pela exiguidade do espaço e pelo desenvolvimento que este assunto carece continuaremos, em números futuros, a análise do tema iniciado neste artigo.

O TROTSQUISMO AGÊNCIA DE ESPIONAGEM E DA contra-revolução

As autoridades da República espanhola acabam de descobrir as ligações secretas da organização dos trotskistas espanhols—P.O.U.M (Far ido Operário de Unificação Marxista)—com Franco, ao serviço de quem agiam na retaguarda da guerra.

O P.O.U.M. desde o principio da guerra não deixou nunca de realizar o seu trabalho de sapa contra a República espanhola.

Seguindo as directivas de Trotski, o P.O.U.M.—embora o neguem—ocultando as suas manobras sob uma fraseologia revolucionária, proclamou que a tarefa fundamental não consistia em ganhar a guerra mas sim em fazer Revolução socialista. Isto significava romper com a Frente Popular, que tem demonstrado ser o único meio potente de lutar contra o fascismo, e eliminar da vida politica a pequena burguesia anti-fascista que tem prestado o melhor apoio à luta do povo pela libertação da Espanha. Não podendo, pela propaganda, conquistar as massas trabalhadoras, aos seus pontos de vista contra-revolucionário, o P.O.U.M., lançou-se no combate aberto contra a República.

Aos gritos de «Revolução Social» o P.O.U.M. apoiado por certos elementos incontrolados organizou, quando da offensiva fascista no Guadarrama uma acção armada contra Valencia.

Em 4 de Maio, o P.O.U.M. igualmente aos gritos de «Revolução» e quando os fascistas iniciaram o ataque contra Bilbao, organizou na Catalunha uma insurreição armada, contra o próprio exército do povo, contra o exército que se bate contra o fascismo, sem o único feito de secundar, no próprio território republicano, a acção que as tropas fascistas desenvolviam na Frente.

Existem agora organizações anarquistas que justificam e aplaudem o acto contra-revolucionário de 4 de Maio.

Não somos nós que lhe imputamos essa responsabilidade são essas organizações que a reivindicam.

A esses lembraremos sómente o que disse Mariano Vasquez, o secretário do Comité Nacional da C.N.T.

«Camaradas, anarquistas, membros da C.N.T., trabalhadores anti-fascistas... é uma loucura o que se está fazendo.

«... Não desperdiçai mais nma grama de pólvora que faz falta na frente, senão... Franco viria impôr-nos a sua lei» etc.

O P.O.U.M. lançou uma campanha de calúnias contra a gloriosa brigada internacional, afirmando que se trataria do embrião do futuro exército burguês contra revolucionário.

O P.O.U.M. desenvolveu a maior campanha contra o comando único.

O P.O.U.M. foi um dos principais responsáveis de que a Catalunha, apesar do seu enorme potencial humano e industrial, não tivesse sabido organizar a offensiva na frente de Aragão.

O P.O.U.M. opôs-se sempre te-

UNIÃO E LUTA

(Continuado da 1.ª página)

dade da acção se realize. Camaradas da CGT, de novo vos dirigimos propostas honestas e sinceras de união. Não vos propomos nada que vos obrigue a abdicar das vossas concepções ideológicas. O que vos propomos é simples e pode e deve ser realizado imediatamente.

Nós propomo-vos a Constituição urgente dum Comité de Frente Única, composto por delegados da CGT, CTS e autónomos, que levaria a efeito as seguintes tarefas práticas imediatas:

a) — Publicação dum apêlo ao povo português para que este intensifique a sua acção em prol do povo espanhol.

b) — Organização da recolha de fundos, nas fábricas e em toda a parte, para o povo espanhol.

c) — Organização de acções concretas para impedir qualquer auxílio ao fascismo português ao fascismo espanhol.

Que pode impedir que isto se realize? Nada!

Camaradas anarquistas, trabalhadores em geral: exigí que a C.G.T. estabeleça a unidade de acção com os outros organismos para lutar contra a ofensiva do Capital, contra a guerra, pelo auxílio ao povo espanhol!

Unamo-nos lealmente. Façamos convergir os nossos esforços única e simplesmente contra o fascismo assassino!

Avante pela unificação dos trabalhadores!

Avante pelo reforçamento da Frente Popular!

Avante pela vitória do povo espanhol e pela libertação do povo Português!

PARA A F.P. PORTUGUESA
T.L. 30\$000

nazmente a que o Exército republicano passasse à ofensiva argumentando que «não se estava preparado» para tal.

Mas não foi por acaso que êstes factos se produziram.

Há pouco tempo, foi descoberta em Madrid, uma organização fascista de espionagem que, por meio duma emissora clandestina de T. S.F., comunicava a Franco a posição das tropas republicanas, o resultado dos ataques fascistas, e organizava o golpe na rectaguarda, contra a República espanhola.

Pois bem esta organização era composta por membros do P.O.U.M. e estava em contacto permanente, para os seus fins criminosos, com André Nin, dirigente do P.O.U.M., antigo secretário de Trotski.

Descobrimos os fins secretos do P.O.U.M. e as suas ligações com Franco, as autoridades espanholas, prestaram um grande serviço à República da Espanha. Mas não só a Espanha. O proletariado internacional, obtem, assim, mais uma vez, a confirmação de que em muitos casos, em cada «revolucionário» — de esquerda — intransigente e assanhado, e sempre em cada trotsquista responsável, está um provocador consciente ao serviço do fascismo e da contra-revolução.

Os trabalhadores honestos que se deixam seduzir pelas palavras de ordem e pelas soluções esquerdistas, devem estar em guarda, para não se tornarem inconscientemente instrumento dos inimigos do Povo!

DESCOBERTAS SENSACIONAIS

Em seguida à jornada de 4 de Julho, os jornais portugueses, instigados pelos instrutores da Gestapo, deram curso às mais inverosímeis fantasias que apresentaram em forma de descobertas policíais de grande peso.

Segundo essas notícias sensacionais ter-se-iam realizado em Moscovo reuniões nas quais, de acordo com «o delegado português», se teria resolvido enviar navios carregados de munições para fazer a Revolução a Portugal. A imaginação dos jornalistas não é pobre; por isso, e para tornar mais sensacional a notícia, falaram em aviões postos às ordens dos agitadores que deviam vir a Portugal, em milhões de pesetas, em instrutores estrangeiros adjuntos ao Partido Comunista Português, etc., etc.

Seguindo a mesma ordem de ideias, os jornais descobriram que o referido delegado português teria apresentado no VII Congresso do «Komintern» um relatório que terminava «pela necessidade e pela urgência duma acção revolucionária de concerto com o Partido Comunista Espanhol, tendo em vista estabelecer «uma república ibérica». Daqui, o Diário de Notícias chegou à conclusão que «Portugal é para a Internacional Comunista o inimigo mais de recelar...»

Outro jornal dizia que o «Komintern ordenara a execução do sr. doutor Oliveira Salazar».

Não é preciso muito para descobrir que tôdas estas «sensacionais» notícias são inventadas de ponta a ponta com o fim de provocar na pequena burguesia a desconfiança em relação ao nosso Partido.

Salazar, e todos os seus apingados serão inevitavelmente corridos — êste o termo — do Poder. Mas é o povo português, é essa mesma pequena burguesia, que não de derrubar o fascismo.

Pode Salazar & C.ª continuar envenenando miseravelmente a opinião pública com mentiras do quilate daquelas a que nos referimos; nem por isso conseguirá aplacar a justa ira do povo português.

Franco, Robles, Salazar e Cia.

Os jornais franceses noticiam que o general Franco conferenciou em Salamanca com Gil Robles a quem encarregou duma missão secreta junto do governo de Londres, por intermédio de Oliveira Salazar».

A que novas manobras se prestará o sinistro ditador português para servir os interesses dos seus patrões?

A que nova encruzilhada quereirá Salazar levar o nosso país? Mistério. Mas uma coisa é certa. Salazar não deixou nem deixa, se a isso o não obrigarmos, de traír os interesses de Portugal, em obediência aos sagrados interesses de Franco, Hitler & C.ª

Povo português, alerta!

Não consentamos que Salazar transforme o nosso país num agente das intrigas de Franco & C.ª

Avante contra a intervenção do fascismo em Espanha!

André Gide ao serviço do fascismo

André Gide escreveu um novo livro anti-soviético: «Retouches à mon Retour de l'URSS».

Seria fácil refutar, uma a uma, as acusações caluniosas dirigidas por Gide à URSS — não no-lo permite, infelizmente, o espaço de que dispomos.

Limitamo-nos por isso a afirmar aos nossos leitores que Gide já nem sequer analisa a U.R.S.S. como o fizera no primeiro livro, colocando-se sobre um plano aparentemente revolucionário. Gide analisa a URSS sob o ângulo do fascismo de que se tornou um agente.

Basta, cremos, uma transcrição para compreender a que ponto desceu êsse «homem velho e mau» epíteto que Gide mereceu dessa figura puríssima de escritor proletário, dêsse «santo», como Gide chamava a Ostrovski.

Escreveu Gide, no seu livro a pag. 37:

«Você diz muito justamente: A desapareição do capitalismo não traz, forçosamente, ao trabalhador a sua libertação». E — diz Gide — preciso que o proletário francês o compreenda. Ou melhor: seria bom que êle o compreendesse.

Gide denuncia no seu livro a sua aliança espiritual com Trotski. E bom que o faça, ficarão todos sabendo como é estreita a comunhão dos trotsquistas com os fascistas como uns e outros são mesma gente.

Gide não quiz poupar a injúria o grande escritor, o grande amigo da Paz e da humanidade, o homem grande e bom que é Romain Rolland

Como sabe que jamais receberia dêsse grande homem a aprovação da sua baixezia, injúria-o.

Mas êste facto só nos indica que Rolland continua, como até aqui, inteiramente integrado no espírito e nas realizações da União Soviética e que esta, pelos seus triunfos, pelos seus grandes progressos, continua e será sempre admirada e querida pela figura mais nobre e mais bela e uma das mais elevadas das letras mundiais.

Combates encarniçados

O sector a oeste de Madrid que vai de Brunete a Villa Nueva de Cañada continua a ser teatro principal das operações militares.

Os fascistas têm concentrado neste sector forças enormes, com o objectivo de reconquistarem as posições perdidas durante a ofensiva republicana. Mas todos os seus esforços têm resultado infructíferos. Os republicanos mantêm-se senhores de tôdas as posições conquistadas, à excepção da aldeia de Brunete — actualmente completamente destruída — que abandonaram para rectificarem ligeiramente a linha da frente.

Os fascistas têm lançado na luta grossos contingentes de cavalaria montada que os republicanos, das suas fortificações, têm dizimado.

O comando de Madrid calcula em mais de 25.000 as perdas sofridas pelos fascistas, nos últimos dias. O número de aviões derrubados pelas tropas republicanas é considerável.

A imprensa portuguesa, para não variar, continua a atribuir vitórias enormes aos fascistas, mas por mais que se procure não se vêem essas vitórias.

Os combates prosseguem com extrema violência em toda esta frente.

A China levanta-se contra a invasão japonesa

A história das relações sino-japonesas é caracterizada por uma série continua de provocações e de agressões do imperialismo japonês que não visam outro fim do que a colonização completa da China.

Valendo-se da traição de generais e de dirigentes chineses, o Japão ocupou quasi sem dificuldade a Manchúria e o Jehol e conseguiu criar, nas províncias de Tchahar e do Hopei, um «Conselho político», que manejava, como a um fantoche.

Contudo, os sonhos do Japão de agrupar, como primeira etapa da conquista geral da China, as cinco províncias da China do Norte, Tchahar, Hopei, Sui Yuan, Chanai e Chantung, não puderam materializar-se, então.

O Japão não abandonou já mais êsses projectos, para a execução dos quais se prepara há muito, exercendo a mais desenfreada espionagem, corrompendo os elementos anti-nacionais da China, etc.

Em 7 de Julho último, teve lugar em Lu-Ku-Chian um dos muitos incidentes entre tropas chinesas e japonesas a que as provocações deliberadas do Japão dão lugar.

Os japoneses aproveitaram-se imediatamente dêste incidente como pretexto para enviar tropas para o local dos accidentes. Encetaram-se negociações diplomáticas mas o Japão exigia, entre outras condições, a retirada do 29.º exército; a regulamentação do conflito por negociações entre as autoridades locais do Hopei e as autoridades japonesas; a cessação de todo o envio de tropas ao governo central, etc.

Ao mesmo tempo, os japoneses não cessaram nem o envio de tropas nem os seus ataques às forças chinesas.

Apoiando-se na actual situação internacional, o Japão contava realizar facilmente os seus projectos de rapida.

Mas, pela primeira vez, o Japão encontrou nma viva resistência. Tchan-Kai Chek, chefe do governo de Nanquim, responsável no passado de muitos desastres chineses, reflectindo o estado de espírito das largas massas da população chinesa proclamou: «Nós não procuraremos a guerra, mas responderemos aos ataques... o governo toma actualmente as medidas necessárias para defender o país; a nação deve compreender que se a guerra começa, nós devemos ir até ao fim.»

O Japão não encontra já ante si a mesma China dividida de 1931. A grande nação chinesa encontra-se unificada no mesmo ódio ao invasor no mesmo desejo de viver livre do jugo do opressor nipónico.

GRALHAS

Entre outras, de menor importância, no último número escaparam as seguintes gralhas:

Na página 6, no título do artigo da coluna central, onde se lê: «o que representa para nós o triunfo do do fascismo», deve ler-se: «O que REPRESENTARIA, etc.

Na mesma página, o título da 1.ª coluna é: «A acção do povo português em auxílio dos seus irmãos espanhóis».